

**IMAGEM E RESISTÊNCIA NA ÁFRICA:
NELSON MANDELA E O CONTEXTO DE LIBERTAÇÃO SUL-
AFRICANO**

**IMAGE AND RESISTANCE IN AFRICA:
NELSON MANDELA AND THE SOUTH AFRICAN LIBERATION
CONTEXT**

Felipe Paiva*

RESUMO

O presente trabalho pretende realizar uma discussão teórica em torno do conceito de resistência tal como é definido e problematizado pelas tendências historiográficas que abordam as ações e iniciativas anticoloniais no continente africano. Para tanto, será feito uso da imagem enquanto principal fonte para a análise. Norteando-se pelo discurso imagético que os Movimentos de Libertação Nacional faziam de si, sobretudo no que concerne ao caso específico Sul-Africano, busca-se demarcar melhor os contornos teóricos do conceito de resistência.

PALAVRAS-CHAVE: História da África, Resistência, Historiografia, Imagem.

ABSTRACT

This work aims at triggering a theoretical discussion about the concept of resistance as defined and questioned by historiographical trends that address the anti-colonial actions and initiatives in Africa. Accordingly, images will be used as the main source for the analysis. Guided by the imagery concept that the National Liberation Movements conveys of themselves, especially regarding the South African case, we intend to better demarcate the theoretical boundaries of the concept of resistance.

KEYWORDS: History of Africa, Resistance, Historiography, Image.

* Mestrando em História Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF).
E-mail: paiva.his@gmail.com.

Introdução

Os Movimentos de Libertação que encabeçaram as lutas anticoloniais em solo africano fizeram-se valer, de maneira geral, de um discurso que tentava vincular as reivindicações nacionalistas com a história progressa da oposição à expansão colonial. A esta oposição chamou-se genericamente de *resistência*. Concomitantemente, o termo foi inserido no vocabulário de análise historiográfico. A historiografia sobre o período colonial passou a problematizar a resistência estabelecendo tanto tipologias de ações e iniciativas anticoloniais, como propondo uma temporalidade que lhes seria própria.

Neste sentido, duas demarcações teóricas amplas se fazem presentes. De um lado há uma tendência que preza pela continuidade entre as iniciativas anticoloniais datadas dos primeiros anos da colonização – fins do século XIX e primeira metade do XX – e as modernas lutas nacionalistas encabeçadas pelos Movimentos de Libertação. Por outro lado, existe uma linha argumentativa que trata estes momentos como ruptura.

Entretanto, a utilização de fontes para o estudo e discussão teórica acerca da resistência ainda é muito restrita aos registros “convencionais”: espólio de campanhas militares e arquivos de movimentos políticos, especialmente. Pouco se analisa a imagem que essa resistência suscita; seu discurso imagético.¹

Ao analisar a imagem que os Movimentos de Libertação Nacional faziam de si próprios, atentando para os modos como esta imagem foi instrumentalizada enquanto meio de inserir capital político em suas narrativas de oposição ao colonialismo, é possível elucidar não somente aspectos conjunturais do processo de independência africano, mas, também, a própria teoria da resistência, sobretudo no que toca à sua questão mais delicada: seu regime de temporalidade.

¹ Até o momento o autor desconhece um estudo que relacione, especificamente, imagem e resistência. Apesar de muitos trabalhos se utilizarem da fotografia, ou da imagem em sentido mais amplo, estas aparecem somente enquanto “ilustração” do texto escrito e não como fonte principal a ser analisada.

O conceito de resistência no contexto africano

A noção de resistência se estabelece enquanto conceito historiográfico para o estudo do período colonial na África entre meados de 1960 e a partir de 1970 consolida-se definitivamente.²Por esta época ainda estavam em curso alguns dos conflitos pela libertação nacional em solo africano, a exemplo das então colônias portuguesas – Angola, Moçambique e Guiné-Bissau.

Nesse momento havia uma necessidade premente de colocar estes conflitos de libertação em uma perspectiva mais ampla ao mesmo tempo em que também se fazia necessário devolver ao africano o caráter de agente da sua própria história. Para essas duas tarefas a ideia de resistência mostrava-se como resposta imediata.

A historiografia passa, então, a ficar dominada por estudos sobre a resistência africana ao imperialismo europeu e ao domínio colonial. Como salientam Leroy Vail e Landeg White: “The rise of mass nationalism in postwar Africa led historians to ransack the past for earlier leaders who might have served as role models for the anti-colonial struggle, and resistance became nationalism’s historical dimension” (1986, p. 193).

A onda de conflitos libertadores levou, em grande medida, os historiadores a explicarem tais conflitos recorrendo ao passado, realçando o africano como agente histórico e, portanto, resistindo à expansão colonial mais efetiva, já a partir de finais do século XIX.

Por esta óptica os movimentos nacionalistas surgidos na segunda metade do século XX “manifestadamente se inspiraram nas lembranças de um passado *heroico*” (RANGER, 2012, p. 65) – Grifo meu. Muitos historiadores buscaram traçar uma continuidade entre as primeiras oposições anticoloniais e as guerras de libertação nacional. Entretanto, para uma parcela da historiografia não há ligação entre a resistência e as lutas de libertação encabeçadas por movimentos nacionalistas.

Esta última tendência está representada especialmente por Henri Brunschwig e Edward Steinhart. Para o primeiro o fenômeno da resistência estaria vinculado aos laços étnicos: “La resistance, en effet, parait intimement liée ‘a l’ethnie. Et cette ethnie, si difficile ‘a definir et si constante, pourrait bien etre specifique de l’Afrique noire”, de

² Apesar de a primeira aparição do termo, com referência à História da África que conseguimos encontrar, datar dos anos de 1920 em NORMAN, Leys. *Kenya*. Londres: The Hogarth Press, 1924.

forma que os movimentos nacionalistas estariam em outro plano organizativo em que as ideologias “importées d’Occident, et assez souples elles-mêmes, assez ambiguës pour pouvoir s’adapter aux peuples et aux circonstances”(1974, p. 64, 61). Segundo Terence Ranger tal argumento parte da premissa de que o nacionalismo moderno é uma manifestação da “tendência ao centralismo da inovação e à adoção de grandes projetos, o que significa que pertence a uma tradição diametralmente oposta à da resistência” (2012, p. 66).

O outro autor a propor um argumento dissociativo, Edward Steinhart, salienta que tratar a resistência como precursora das guerras de libertação nacional seria dar legitimidade aos numerosos regimes autoritários que se instalaram em vários países africanos no pós-independência e consolidar uma espécie de “mito nacionalistaautoritário”:“Insteadofexamininganti-colonialresistance, protestandliberationmovementssthroughthedistortinglensofnationalistmythology, we must create a better ‘myth’, onebetter suitedtointerpretingthe reality ofAfricanprotest” (1993, p. 362). Steinhart parece querer, afirma Ranger, “reivindicar a herança das resistências para a oposição radical ao autoritarismo nos novos Estados nacionais da África” (2012, p. 66).

O argumento mais persuasivo para contrapor a essas teses e defender o vínculo entre libertação nacional e resistência anticolonial vem de Allen Isaacman. Partindo do caso moçambicano, Isaacman defende que as lutas camponesas de meados do séc. XIX acabaram por ser o germe da contestação que desembocaria na formação da FRELIMO (Frente de Libertação Nacional de Moçambique), um moderno movimento nacionalista que encabeçou a guerra de libertação:

A natureza do apelo, expressa em termos anticoloniais, e o alcance da aliança que este apelo tornou possível, sugerem que a rebelião de 1917 ocupou uma posição de transição entre as formas primitivas de resistência africana e as guerras de libertação de meados do século XX. [...]. A revolta de 1917 constitui a culminação da *longa tradição* de resistência zambeziana e simultaneamente se torna precursora da recente luta de libertação (1979, p. 288, 290). Grifos Meus.

Essa percepção longa, linear e indiscutível de tal temporalidade acaba dando lugar a expressões que, aos olhos de hoje, tendem a parecer panfletárias, implicando o

uso de adjetivos positivos para caracterizar os resistentes (como fez Ranger em citação acima, ao afirmar que as independências se inspiraram em um passado *heróico*). Além disso, acaba subsistindo neste tipo de argumentação uma visão teleológica do processo histórico.

Entretanto, é possível pensar em um vínculo entre resistência e libertação nacional sem a ideia de linearidade embutida no argumento continuísta da *longa tradição* de que fala Isaacman. Isso leva também a não desprezar de todo as teses dos que propõem dissociar o fenômeno da resistência do nacionalismo revolucionário, em especial no tocante ao *mito nacionalista* atentado por Steinhart. É neste ponto que o uso da imagem pode lançar nova luz sobre a discussão.

Nelson Mandela e o caso sul-africano

Primeiramente, cabe salientar que, neste trabalho, o regime de *apartheid* é visto como consequência da colonização e do imperialismo. Por este motivo encontra sua gênese ainda na primeira metade do século XX quando o movimento nacionalista chauvinista africâner³ começava a ganhar corpo ideológico:

Enfatizando as injustiças patrocinadas pelos britânicos e pelo capital estrangeiro e exagerando os perigos da “blackswamping” [“inundação negra”], os ideólogos africâneres obtiveram sucesso em criar uma “síndrome de vitimização”, quando reafirmavam a ameaça de outros grupos – primeiro, a exploração “de cima”, realizada pelos britânicos colonialistas e pelo capitalismo liberal; segundo, vinda “de baixo”, oferecida pela maioria africana contra a cultura e o bem-estar africâner (PEREIRA, 2012, p. 58).

Na virada da primeira para a segunda metade do século XX foi adicionado a esse discurso, componentes fascistas manifestos, de maneira que nos anos de 1940, com a crescente urbanização, “o medo da ‘inundação negra’ se tornou expediente para os ideólogos africâneres enfatizarem a pureza étnica e a necessidade de evitar a miscigenação. Nessa direção foi criada a agressiva ideologia do Partido Nacional” (PEREIRA, 2012, p. 59). Tudo isso acabaria por desembocar na tomada do poder pelo

³ Grupo étnico formado por descendentes de holandeses calvinistas. Colonizaram, concomitantemente com os Britânicos, o território que hoje compreende a África do Sul.

Partido Nacional, dominado pelos africanos, e na instituição da política de segregação racial: apartheid.

Com a segregação racial institucionalizada, os grupos organizados que faziam oposição ao colonialismo, foram buscando, em contrapartida, cerrar fileiras contra o inimigo de forma mais radical. Assim, manifestações, majoritariamente pacíficas, foram organizadas pelo Congresso Nacional Africano (CNA), principal entidade de oposição.

Diante da emergência das manifestações e apelo popular por elas lançado o Estado Sul-Africano, dominado pela hegemonia política africana, indicia, por alta traição, sessenta pessoas do movimento *antiapartheid* em 1956. Em sua maioria os indicados eram membros do CNA. Dentre eles estava o jovem militante Nelson Mandela.

Na primeira noite que passou no cárcere Mandela riu ao ver tantos líderes em trajes de prisioneiro, perdendo a imponência de seus ternos costurados. Assim, afirmou que se tornava claro para ele que “as roupas fazem o homem” (2012, p. 247). O dito popular evocado se faria ainda mais verdadeiro quando aplicado a ele próprio, anos mais tarde.

Cinco anos depois dessa estada na prisão, que durou algumas semanas, Nelson Mandela se deixa fotografar, em plena radicalização da luta, com vestes tradicionais de sua etnia, os Xhosa.

Mandela é por descendência um membro da realeza Xhosa, ocupando um lugar na dinastia que, mal comparando com os critérios ocidentais, poder-se-ia chamar de príncipe. Trata-se de um membro familiar da dinastia Thembu, apesar de não ter estado na linha de sucessão direta, tendo sido seu lugar dinástico o de conselheiro dos governantes: “Apesar de ter sido membro da casa real, eu não estava entre os poucos privilegiados que foram educados para governar. Em vez disso, como descendente da casa de Ixhiba, fui preparado para aconselhar os governantes da tribo” (2012, p. 5).⁴

As fotografias, de autoria de Eli Weinberg, em que Mandela aparece portando suas vestes, foram realizadas quando Nelson Mandela há muito havia deixado sua terra natal, já pertencendo ao mundo cosmopolita das grandes cidades sul-africanas. No entanto, o ato de se deixar fotografar em vestes de sua etnia originária demarcam uma

⁴ Cabe ressaltar que o termo “tribo” utilizado por Mandela é, para o caso da África Sul-Saariana, histórica e antropológicamente impreciso.

atitude que remete não só ao contexto de protesto sul-africano antiapartheid, mas à resistência africana em geral.

Tal acontece porque a fotografia sul-africana articula-se com o próprio fenômeno da resistência. Fotografar era um ato de rebeldia à imposição do Estado em que a imagem do negro africano era depreciada. Acontece, dessa forma, segundo Okwui Enwezor, uma mudança de função da fotografia sob o regime de *apartheid* (2013, p. 30).

A ascensão do Partido Nacional e o estabelecimento do regime de segregação racial mudou a percepção pictórica da realidade sul-africana, passando de um espaço racialmente dividido, mas aparentemente pacífico, para um espaço de luta aberta entre defensores do racismo de Estado e entidades opositoras ao regime. Nas palavras de Enwezor:

The radical shift to a repressive and overtly racist politics changed the pictorial perception of the country from a relatively benign colonial space based on racial segregation to a highly contested space in which the majority population struggled for equality, democratic representation, and civil rights. Almost instantaneously alert to this change in a visceral, direct, and social way, photography was transformed from a purely anthropological tool into a social instrument (2013, p. 30).

Nessa virada de percepção pictórica o sujeito africano ganhava relevo enquanto personagem histórico e, ao representá-lo, o próprio fotógrafo tornava-se engajado, assim como quem se deixasse fotografar. Não se cai, assim, em uma dicotomia fácil entre vítimas e opressores. Ao contrário, como assegura Marcus Bunyan, essas imagens apresentam a dinâmica da repressão e da resistência. Não se trata, neste caso de mostrar os sujeitos africanos como vítimas, mas como agentes de sua própria emancipação (BUNYAN, 2013).

As fotografias de Mandela em suas vestes Xhosa, abaixo, coadunam-se, portanto, com este contexto.

Figura1⁵Figura2⁶



Não foi possível detectar o evento específico que levou o líder sul-africano a vestir-se como seus antepassados e posar para a foto. Mas a ausência dessa informação não obscurece o *leitmotiv* por detrás desse ato que, se não devidamente contextualizado, pode parecer despretensioso.

Fato importante a ser considerado é que, por sua postura, Mandela de fato *posa* para a foto. A imagem foi capturada, estando o fotografado ciente. Não se trata de uma captura em um momento fortuito. Na primeira imagem (Figura 1) a fotografia foi tirada a partir de baixo. Já na segunda (Figura 2) a foto foi batida partindo de cima, de maneira a destacar ainda mais a figura do líder sul-africano. Este fato põe em relevo que era exatamente essa a intenção: destacar a figura individual de Nelson Mandela, sendo que através de suas vestes o indivíduo se articulava com um pano de fundo coletivo mais amplo.

Após passar duras privações em encarceramentos relativamente curtos, e restrições judiciais no direito de ir e vir, Nelson Mandela, apoiado pelo CNA, decide, no período que margeia esta foto, entrar para a clandestinidade. Mandela deveria viver incógnito enquanto articulava a criação de um braço armado para o movimento

⁵ WEINBERG, Eli. *Nelson Mandela Portrait wearing traditional beads and bed spread*, 1961. Disponível em <<http://artblart.com/2013/05/24/exhibition-rise-and-fall-of-apartheid-at-haus-der-kunst-munich/>> Acesso em 24 de Junho de 2013.

⁶ WEINBERG, Eli. *Nelson Mandela Portrait wearing traditional beads and bed spread*, 1961. Disponível em <<http://www.retronaut.com/2012/11/nelson-mandela/>> Acesso em 24 de Junho de 2013.

antiapartheid. A criação desta entidade, que veio a se chamar *UmkhontoweSizwe* (A Lança da Nação), marcava uma ruptura definitiva com as táticas anteriores de resistência ao regime segregacionista.

Seu ato de vestir-se à moda Xhosa e deixar-se fotografar não foi de modo algum gratuito. Foi antes sintoma da radicalização de seu discurso, o que acompanhava igual radicalização na forma de se opor ao regime.

Vestindo-se dessa maneira Mandela não estava enaltecendo um pertencimento puramente étnico. As roupas são Xhosas, mas o discurso era abertamente nacionalista e pan-africano. Em suas próprias palavras sobre esse período de radicalização:

De repente, não havia Xhosa ou Zulus, indianos ou negros,⁷ direitistas ou esquerdistas, líderes religiosos ou políticos, éramos todos nacionalistas e patriotas ligados pelo amor à *nossahistória em comum, nossa cultura, nosso país, e o nossopovo*. Naquele momento, algo se mexeu lá nas profundezas de cada um de nós, algo forte e íntimo, que nos ligou uns aos outros. Naquele momento, sentimos a mão do grande passado que nos havia tornado o que éramos e o poder da grande causa que nos conectava (2012, p. 249) – Grifos Meus.

Dessa forma, a imagem não remete somente a uma etnia, mas serve-se desta para fazer uma representação coletiva mais abrangente do espaço nacional e mesmo continental. A passagem de Mandela encontra-se em sintonia com o discurso pan-africanista que, naquele momento, servia de substrato ideológico para as lutas de libertação nacional. Sua força se fará sentir em toda a África, do Cairo à Cidade do Cabo, não sendo de forma alguma uma peculiaridade do caso sul-africano.

No Egito, por exemplo, Gamal Abdel Nasser escreverá que “é evidente que êsses (*sic*) germes [da contestação anticolonial] existem em nós desde o nosso nascimento, e que era uma herança das antigas gerações” (1963, p. 68). Fazendo uso do mesmo tom, Nelson Mandela afirmava procurar inspiração nas histórias das guerras travadas pelos seus antepassados em defesa da pátria, vendo tais histórias não somente como parte das narrativas ancestrais, mas como uma forma de orgulho e glória da nação africana (1965, p. 147).

⁷ Uma considerável parcela do movimento antiapartheid era formada por indianos ou descendentes de indianos já nascidos em solo sul-africano.

Com isto, pode-se rebater um dos argumentos mais fortes utilizados para dissociar a resistência e o moderno nacionalismo africano. Como visto anteriormente, Henri Brunschwig se faz valer da distinção entre pertencimento étnico e identidade nacional. O primeiro seria característica da resistência, o segundo do nacionalismo revolucionário. A análise da imagem de Nelson Mandela faz crer que essa linha argumentativa é bastante simplista. O pertencimento étnico, Xhosa neste caso, não anula o discurso nacionalista, ao contrário, é parte integrante deste a partir do momento em que se admite o passado em comum de opressão colonial sofrida por povos diversos. Povos estes que estão ligados por laços étnicos, mas também, e principalmente, nacionais e continentais. Neste sentido, cumpre-se a função primordial da imagem; a de “condensar a visão comum que se tem do passado” (KNAUSS, 2006, p. 99).

Todavia, o vínculo entre o passado de resistência anticolonial e a modernidade dos movimentos de libertação nacional desembocava em um uso equivocado desse passado, se a história fosse vista de maneira linear. Exemplo dessa apropriação indevida foi Sekou Touré.

Conforme sublinhado em momento anterior, Edward Steinhart, em sua argumentação para dissociar resistência e nacionalismo, alega que os movimentos nacionalistas utilizariam o capital simbólico do passado insurgente para criação do mito nacionalista a fim de legitimar práticas autoritárias. Do ponto de vista imagético foi Sekou Touré quem melhor expressou essa utilização negativa do passado insurgente. Este líder político da Guiné-Conacri, então chefe de Estado, reclamava-se, por parte materna, descendente do *Almamy* Samori Touré,⁸ o quase lendário líder da resistência africana na África Ocidental no séc. XIX e soberano do império Malinquê (ver imagem abaixo).

Sekou Touré em vários momentos evocou a memória de seu suposto antepassado para criar consenso nacional e legitimar-se no poder. Tal consenso nacional era acompanhado por um forte discurso étnico malinquê – etnia a qual pertencia Sekou - instrumentalizado pelos órgãos de propaganda do partido.

De acordo com Ibrahima Kaké, Sekou Touré apresentava-se como o descendente de Samori “escolhido pelos anjos” para vingar o *Almamy*, articulando, dessa forma, seu

⁸ Em itálico o título imperial de Samori Touré.

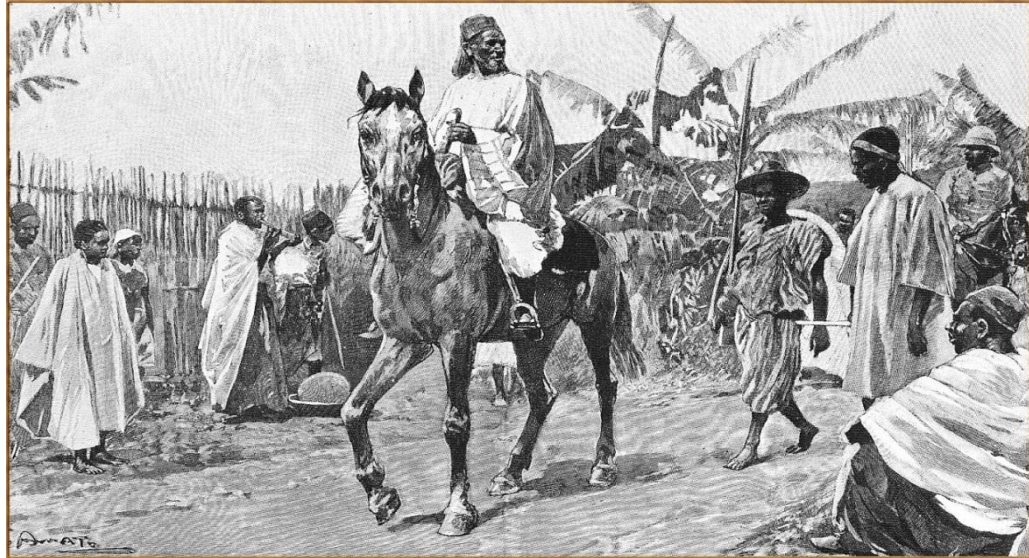
poder político de chefe de Estado com o de portador de poderes sobrenaturais, herdados de sua suposta linhagem imperial (1987, p. 21, 22).

Criava-se para fins político-pragmáticos, não mais puramente teóricos ou historiográficos, o vínculo entre as insurreições armadas de finais do século XIX e a política nacionalista então corrente, não havendo necessariamente oposição direta entre o discurso nacionalista e o vínculo étnico ou entre organizações políticas modernas e modelos de hierarquias ancestrais.

Esse uso estritamente político e imediatista da resistência para a legitimação da unidade nacional tendo por base elementos étnicos identifica-se com o conceito de “tradições inventadas”, desenvolvido por Eric Hobsbawm em coletânea organizada conjuntamente com Terence Ranger. Segundo Hobsbawm, a “invenção de tradições é essencialmente um processo de formalização e ritualização, caracterizado por referir-se ao passado, mesmo que apenas pela imposição da repetição”, sendo que a utilização de elementos antigos, como a figura de Samori, na elaboração de novas tradições inventadas, como a descendência imperial de SekouTouré, “mostra-se uma das facetas mais interessantes desse fenômeno” (2012, p. 15).

Parecia ser conveniente para Sekou criar um vínculo linear com uma figura tão proeminente do passado insurgente africano. O ponto problemático é que tal postura desembocava na criação de um mito com viés autoritário.

Figura3(SamoriTouré)⁹



Sobre a imponência da figura de SamoriTouréela é perceptível na imagem reproduzida acima. Enquanto o *Almamy* aparece em primeiro plano sendo acompanhado pelos olhares respeitosos dos transeuntes, o representante da autoridade colonial francesa aparece em segundo plano, de maneira quase tímida.Nesta imagem o “caçador” parece desconcertado e diminuído por sua “presa”.

Estas observações ganham ainda mais importância quando atenta-se para o fato de que a gravura foi reproduzida em um dos mais notórios jornais franceses do período, *L'Illustration*. A imagem do soberano da África Ocidental era imponente até mesmo para o público que lhe devia fazer frente, ou, ao menos, vê-lo com certo exotismo. A imagem de Samori, ao contrário, nada tem de exótica, transparecendo nela muito mais o tom de respeito, próprio a um soberano, mesmo que destronado.

A figura de SamoriTouré, bem como a de muitos outros líderes do passado insurgente, fornecia, portanto, um valioso substrato imagético a ser prontamente instrumentalizado pela pragmática política dos anos de efusão do nacionalismo africano.

É dessa forma que SekouTouré não só lança o discurso de descendência para com o *Almamy*, como também passa a apresentar-se e a ser representado em vestes que remetem a este.

⁹ L' ILLUSTRATION. “Samori em Beyla, depois da captura”. Reproduzido em KI-ZERBO, Joseph. *História da África negra. Vol. II*. Lisboa: Europa-América, 2002, p. II.

Figura4(SekouTouré)¹⁰



A apropriação da figura de Samori por SekouTouré confirma o argumento de Steinhart de criação do mito nacional autoritário. Entretanto, aplicar a tese Steinhart ao caso de Mandela seria equivocado. Ao vestir-se como Xhosa, Mandela utiliza o passado não mais na pragmática da política partidária, mas sim enquanto catalisador de anseios e aspirações coletivas suprapartidárias. Ao proceder dessa forma Mandela não inventa uma tradição. Ele já faz parte da tradição. Afinal, é aquela a sua etnia originária, em que é membro da casa real. O que o líder sul-africano faz é imaginar uma comunidade radicalmente nova da tradicional e, também, do então Estado sul-africano segregacionista.

O componente étnico-local cede lugar a uma identidade substancialmente continental e não dogmático-partidária, constituindo-se uma via pan-africana em que a afiliação com a África se dava “menos como regresso às origens do que como identificação diaspórica, (...), assim criando uma ligação mais a um lugar imaginado, com a consequente desterritorialização, do que a um território real”, esses aspectos transcontinentais e transnacionais do pan-africanismo “não podem ser, contudo,

¹⁰ IMAPRESS. “Ahmed SekouTouré”. Reproduzido em MAZRUI, Ali (Edit.). *História Geral da África, VIII*. São Paulo: Cortez, 2012, p. 594.

dissociados de uma forte componente nacionalista que também os caracterizará” (SANCHES, 2011, p. 17, 28).

Essa abordagem, ao mesmo tempo nacionalista e cosmopolita, da procura de um lugar imaginado remete à própria formação do nacionalismo como proposto por Benedict Anderson, para quem uma nação seria “uma comunidade política imaginada - e imaginada como sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo, soberana” (2009, p. 32).

Ao vestir-se como Xhosa, Mandela estava imaginando essa comunidade, buscando restituir o passado espoliado pelo colonizador ao presente em libertação. Isto faz com que seu ato seja essencialmente de resistência, porque vinculado com uma história pregressa de insubordinação e iniciativas anticoloniais. Vínculo este não-linear, mas rítmico e dinâmico.

Colocando em termos dialéticos, Mandela estava escovando a história a contrapelo, articulando o passado historicamente, conforme definiu Walter Benjamin. Neste sentido, articular o passado historicamente não significa “reconhecê-lo ‘tal como ele foi’”. Significa apoderar-nos de uma recordação (*Erinnerung*) quando ela surge como um clarão num momento de perigo”. Dessa forma, vestir-se à moda Xhosa não era rememorar um passado idílico, mas atuar de forma direta no presente, perfazendo o que Benjamin chamou de “salto de tigre para o passado” (2012, p. 10, 18).

Entretanto, ao invés do tigre, talvez o líder sul-africano se sentisse melhor representado pela pantera. Animal este que, com sua pele, encorajava os escudos de tantos africanos insubmissos à invasão colonial, retratados liricamente por Alain Badiou: “E na invenção de sua plenitude trabalhando na obra das rupturas continentais da história aqueles rebeldes africanos em ondas sucessivas no fedor colonial, sob a proteção resplandecente de tantos escudos de pantera!” (2012, p. 13).

Considerações Finais

A noção de *resistência* é, conforme o exame historiográfico buscou demonstrar, um conceito teórico utilizado para o estudo da História da África, especialmente no

tocante ao período colonial. Existem linhas de pensamento que conceituam a resistência de maneira diversa, destacando-se duas tendências argumentativas.

A primeira delas compreende que o fenômeno da resistência anticolonial africana deve ser encarado de forma temporalmente ampla. Afirmam que há continuidade entre as primeiras insurgências anticoloniais e as movimentações pela libertação nacional. A tentativa de associar ambos os períodos acaba tendo conotações demasiadamente lineares. Linearidade esta subentendida na terminologia utilizada para defender a continuidade entre resistência e libertação nacional. A *longa tradição* de Allen Isaacman acaba sendo uma linha reta traçada do passado ao presente para dar sentido às posteriores independências.

Por outro lado, há, também, a parcela daqueles que não veem ligação entre resistência e libertação nacional. Seja pelo fato de a resistência estar ligada ao componente étnico, como argumentou Brunschwig, seja porque a resistência é instrumentalizada de forma a criar um mito nacional, legitimando assim práticas autoritárias, conforme a tese de Steinhart.

O líder de um movimento político moderno, que expressava ideias do nacionalismo revolucionário africano vestir-se em roupas tradicionais é um fato que ajuda a problematizar todas estas definições.

Nelson Mandela não recorre ao argumento étnico para defender suas posições políticas. Pelo contrário, o pertencimento étnico suscitado em sua imagem só faz sentido se acompanhado pela identificação com a nação sul-africana e com o continente como um todo.

Não se tratava de traçar uma linha reta entre ele próprio e as figuras individuais dos quase lendários chefes da oposição anticolonial pretérita, tal como fez Sekou Touré com a imagem do *Almamy* Samori. Tratava-se de forjar uma imagem comum para uma coletividade que, apesar de etnicamente diversa, sofria com as mesmas restrições do regime segregacionista.

A imagem demonstra, neste caso, a articulação entre o passado e o presente da resistência africana. Articulação complexa e distante de todo esquema teleológico - mas que apresenta um caráter dialético de retorno ao passado. Ao menos do que nele ainda reside, e resiste, no presente.

Referências Bibliográficas

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas. Reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BADIOU, Alain. *A Hipótese Comunista*. São Paulo: Boitempo, 2012.

BENJAMIN, Walter. “Sobre o conceito da História”. In _____. *O Anjo da História*. Organização e tradução de João Barrento. São Paulo/Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

BRUNSCHWIG, Henri. “De la résistance africaine à l’impérialisme européen”. *The Journal of African History*, Vol. 15, nº 1. London: Cambridge University Press, 1974.

ENWEZOR, Okwui. “Rise and Fall of Apartheid”. In _____. (Edit.). *Rise and Fall of Apartheid. Photography and the Bureaucracy of Everyday Life*. New York: International Center Photography, 2013.

HOBBSAWM, Eric. “Introdução: a invenção das tradições”. In _____.; RANGER, Terence. (Orgs.). *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

ISAACMAN, Allen. *A Tradição de resistência em Moçambique. O Vale do Zambeze, 1850-1921*. Porto: Afrontamento, 1979.

KNAUSS, Paulo. “O desafio de fazer História com imagens: arte e cultura visual”. *ArtCultura*, Vol. 8, nº. 12. Uberlândia: Edufu, 2006.

MANDELA, Nelson. *Longa caminhada até a liberdade*. Curitiba: NossaCultura, 2012.

_____. *No easy walk to Freedom*. Heinemann: Portsmouth N.H, 1965.

NASSER, Gamal Abdel. “A Filosofia da Revolução”. In _____. *A Revolução no mundo árabe*. São Paulo: Edarli, 1963.

KAKÉ, Ibrahima Baba. *Sékou Touré. Le héros et le tyran*. Paris: JeuneAfrique, 1987.

SANCHES, Ribeiro Sanches. “Viagens da teoria antes do pós-colonial”. In _____. (Org.). *Malhas que os impérios tecem. Textos anticoloniais, contextos pós-coloniais*. Lisboa: Edições 70, 2011.

PEREIRA, AnalúciaDanilevicz. *A revolução sul-africana. Classe ou raça, revolução social ou libertação nacional*. São Paulo: Unesp, 2012.

RANGER, Terence. “Iniciativas e resistência africanas em face da partilha e da conquista”. In BOAHEN, Albert Adu. (Edit.). *História Geral da África, VII. África sob dominação colonial*. São Paulo: Cortez, 2012.

STEINHART, Edward. “The Nyangire rebellion of 1907: anti-colonial protest and the nationalism myth”. In MADDOX, Gregory. (Edit.). *Conquest and resistance to colonialism in Africa*. New York & London: Garland Publishing, 1993.

VAIL, Leroy; WHITE, Landeg. “Forms of resistance: songs and perceptions of power in colonial Mozambique”. In CRUMMEY, Donald. (Edit.). *Banditry, Rebellion and Social Protest in Africa*. London: James Currey/Heinemann: Portsmouth N.H, 1986.

Referências Online

BUNYAN, Marcus. *Exhibition: ‘rise and fall of apartheid: photography and the bureaucracy everyday life’ at haus der kunstmunich*. Disponível em <http://artforum.com/uploads/guide.002/id03952/press_release.pdf> Acesso em 24 de Junho de 2013.

Fontes Iconográficas

IMAPRESS. “Ahmed SekouTouré”. Reproduzido em Ali Mazrui (Edit.). *História Geral da África. Vol. VIII. África desde 1930*. São Paulo: Cortez, 2012.

L’ ILLUSTRATION. “Samori em Beyla, depois da captura”. Reproduzido em Joseph Ki-Zerbo. *História da África Negra. Vol. II*. Lisboa: Europa-América, 2002.

WEINBERG, Eli. *Nelson Mandela Portrait wearing traditional beads and bed spread*, 1961. Disponível em <<http://artblart.com/2013/05/24/exhibition-rise-and-fall-of-apartheid-at-haus-der-kunst-munich/>> Acesso em 24 de Junho de 2013.

_____. *Nelson Mandela Portrait wearing traditional beads and bed spread*, 1961. Disponível em <<http://www.retronaut.com/2012/11/nelson-mandela/>> Acesso em 24 de Junho de 2013.

Recebido em 18/02/2014/

Aprovado em 15/06/2014.